

ODOLAN

0031000/2003



L0000031003

ODOLAN.

7-31000
@ 31003

156
ex. 1

REPÚBLICA OCCIDENTAL.

ORDEN E PROGRESSO.

VIVER PARA A HUMANIDADE.

ODOLAN.

Queiroz Albuquerque

POEMA SOCIOLOGICO

POR

J. Auto Pereira

Amor por principio
E ordem por base.
Progresso por fim.
Auguste Comte.

ORMA
869.91
P4360

REGISTRO SETORIAL

Seção Obras Raras

N.º

Data

166

10/12/73

ed. 1882

Maranhão—1882.

Typ do Frias.

139 INDICE.

Introducção	7
I MEDITAÇÃO.	
Revelações Generosas	19
II MEDITAÇÃO.	
Verdades de Sangue	25
III MEDITAÇÃO.	
Sciencia Negativa	33
IV MEDITAÇÃO.	
Pustulas Expostas	41
V MEDITAÇÃO.	
Abutres.	47
VI MEDITAÇÃO.	
Corações de Ouro	55
VII MEDITAÇÃO.	
Vibrações Agudas	63
VIII MEDITAÇÃO.	
Elemento e Fundamento	69
IX MEDITAÇÃO.	
Apostrophes do Seculo.	77
X MEDITAÇÃO.	
Pagina Commum	85

X I MEDITAÇÃO.

Victimas Fataes	95
---------------------------	----

X II MEDITAÇÃO.

Autopsias	105
I A Oficina	108
II O Tribunal	110
III O Carcere	114
IV O Hospital	117
V O Cemiterio	120
VI O Templo.	123

X III MEDITAÇÃO.

Força e Equilibrio.	129
-----------------------------	-----

ERRATA.

<i>Pag.</i>	<i>Erro.</i>	<i>Corrigenda.</i>
48	o filho deste pae	e filho deste pae.
87	bons marido	bons maridos.
106	Idilidade	Edilidade.
110	Deponto	Depondo.

Dr. Arthur...

INTRODUÇÃO.



Queiroz Albuquerque

INTRODUCCÃO.

Vi-o cahir p'ra sempre na vala mortuaria
como o ponto final d'um doloroso assumpto.
Ninguem o acompanhara á casa solitaria
para jogar no corpo do livido defunto
as flores da saudade e a carnivora cal.
Dir-se-ia que na terra passara o peregrino
sem ter o coração de velho e bom amigo
que lhe pagasse o enterro, alguns dobres de sino,
levando-lhe o sudario ao derradeiro abrigo,
nos olhos uma lágrima, na voz o adeus final.

Morrera o pobre moço no sol dos vinte e um annos
com o bravo stoicismo de verdadeiro heroe .

Nunca o viram chorar perante os desenganos
nem rir ante a alegria que o senso nos destroe :
era um 'alma difficil de a outrem s'expandir .

Coitado ! Quantas vezes o misero leproso ,
de tripas flatulentas e estomago inquieto ,
vagou de porta em porta atraz de um caridoso
que lhe matasse a fome no limiar do tecto ,
—a fome que o devora e fal-o succumbir ?

Pedira a nutrição e deram-lhe os insultos ;
como calmante o sol ; as chuvas por unguento ;
temiam-no as creanças , fugiam-lhe os adultos ,
e o pobre que se via sem Deus e alimento ,
não maldizia os homens nem seu penoso ser .

Ha destas almas grandes , de tempera de ferro ,
bravas como cadellas a ciumar os filhos ;

que tentam corrigir no Sabio Eterno o erro
de nos cercar a vida de tantos empecilhos
e 'roados pela morte , depois d'atro soffrer .

Mas veio a natureza—a mãe dos indigentes—
tiral-o felizmente das mãos da sorte impia
como quem salva a victima das garras inclementes
de abutre que a passava por trances de agonia . . .
e Odolan morrera na praia como um cão!
Era um cadaver feio aquelle corpo immundo
suando instantemente, porem suando puz . . .
Podia se contar-lhe o osso mais do fundo . . .
Nem tanto padecera o martyre da Cruz . . .
Ai! quanto é triste e horrivel morrer de inanição!

Pobre de ti, mancebo! o Deus que te creara
seria o mesmo Deus do grande Rottschild:
este que na opulencia vivera e se acabara
e tu, que não tiveras ao menos um ceutil
para comprar a veste do mundo sepulchral?
Mentira! Ou Deus existe sublime, santo e util
e sabio e caridoso, perfeito e omnipotente;
ou elle é uma chimera reles, fugaz, inutil,
apenas criação de espirito demente,
delirio "metaphysico" ou sonho oriental!

Sumiu-se entre camadas de terra, dentre os vivos,
o filho da miseria, a victima do apôdo;

✓ su' alma evaporando phosphoricos, nocivos
miasmas venenosos, vae transformar-se em lodo,
obedecer á lei da chimica real.

O cynico coveiro guardando os instrumentos,
com que todos os dias revolve as sepulturas,
fecha o portão sombrio e vae de passos lentos,
mão grado áquella scena de naturaes tristuras,
metter o combustivel no orgão estomacal.

✓ Depois a lua cheia vagava em meio espaço
com aquella pallidez de cêra um pouco antiga;
dir-se-ia uma mulher que a luta de um devasso
matasse extenuada no goso da fadiga,
após de lhe roubar a virgindade san.

Então penetra ao adro do infecto cemiterio,
passando pelas grades do lugubre portão,
de quando em vez tomando o faro grave e serio
como si fosse um homem, si o homem fosse cão,
elle—o intimo amigo do misero Odolan.

Trazia pelos dentes um carunchoso embrulho
manchado pelo tempo e o transpirar da mão :
era um poema escripto por coração sem orgulho ,
um livro para a escola da nova geração ,
a Bíblia social que elle Odolan compoz .
Vinha o cão de pupillas ardentes e crescidas ,
banhadas pelo pranto da dôr e da saudade :
da dôr que sobrevem ás grandes despedidas ,
da dôr que nos perturba os estos da amisade ,
quando a morte um amigo nos rouba dentre nós .

Vinha trazer o espolio do seu amigo e dono
a quem não viu morrer nem se tirar da praia ,
porque se erguera cedo , mal o deixara o somno ,
e foi ganhar a vida entre pedrada e vaia
de grupos de meninos que iam p'r'a lição .
Por entre o zig-zag dos tumulos pomposos ,
das sepulturas razas , das covas por socar :
— aqui tomando o fardo de uns ossos calcinosos ,
— ali deixando o embrulho para poder uivar ,
andava inquieto , a esmo , o miseravel cão .

Mas de repente pára . Festeja-lhe os quadris
a cauda brincalhona . Deixando o embrulho ao lado,
rodeia a sepultura , onde estacou , e diz
nos traços salientes do rosto perturbado
e no ganir constante de mellica alegria :

«Porque dormes assim ? A noite já vae alta
e aqui faz tanto frio ! e aqui nos faz horror !
Oh ! ergue-te ! Partamos ! Eu sinto tanta falta
da tua companhia , do teu sincero amor . . .
que custa-me viver assim nesta agonia !»

E nisto houve um palpito naquelle entendimento :
cavava a sepultura com viva animação .
Lutara toda a noite ; mas conseguiu o intento :
estava de manhan victorioso o cão ,
pois tinha descoberto o rosto de Odolan .
Era um quadro de effeito aquelle seu trabalho :
os olhos do cadaver nas orbitas vasados
banhavam todo o rosto de fedorento coalho
de sangue apodrecido ; nos labios mal cerrados
via-se a lingua presa na dentadura san .

E o cão, que o vigiava com lacrimal ceroso, a lingua quasi em meio dependurada ao ar, ora a lamber-lhe o rosto tão livido e nodoso, ora avançando ás moscas que n'elle ião pousar, parece que esperava o morto p'r'o seguir. É nesta posição que o surprende o coveiro e fal-o se ausentar a custo de vergalho. Mal sabe o importuno que nesse bom rafeiro achara o sentimento um solido agasalho, um tabernac'lo eterno, difficil de exprimir.

Foi ter o manuscripto ás unhas do vigario que o leu franzindo a testa, fungando suas pitadas, ás vezes em seguida de ler o breviario, ás vezes antes mesmo das missas resmungadas, ás vezes á tardinha depois do bom jantar. E tal foi o interesse do bom do reverendo que em menos de tres dias iria o Livro mau (como lhe poz a lapis, quando o estava lendo) ter sorte de mortalha de podre bacalhão, si a tempo eu não o visse sobre um balcão parar.

Pois que o salvei das garras do bruto taverneiro,
entrego, á luz da imprensa, nas mãos da mocidade,
o livro do leproso, para que o mundo inteiro
profira-lhe a sentença da sua utilidade,
e diga si fiz mal mandando-o imprimir.
Penso que todo escripto, de bom ou máo effeito,
se deve divulgar, fazendo o povo o ler.
O livro sempre instrue; é o prisma mais perfeito
por onde as gerações melhor nos podem ver,
por onde nós entramos na senda do porvir.

O livro é que prepara os seculos e os povos:
é germen poderoso na choça de operarios;
incute-lhes por dentro uns pensamentos novos,
e, onde quer que elle entre, não fallam missionarios,
nem o poder da força de estúpida oppressão.
Deixae passar o livro, ó alma santa e boa,
pais—não fecheis a porta; mães—elle vos conduz
á nova aspiração que o seculo apregôa:
virgens—abri-lhe os seios; moços—fitae a luz;
povos—amae o livro. Amae a Redempção!

AUTO PEREIRA.

I 22

REVELAÇÕES GENEROSAS,



I MEDITAÇÃO.

REVELAÇÕES GENEROSAS.

Romulo, de Moysés, de 92.

Ninná, meu cão fiel, ó alma altiva,
que estas chagas immundas, dolorentas,
lambes com a lingua cheia de saliva,
sem receio das bavas purulentas;
tu, que és mais humano que os humanos,
mais caridoso que os fieis dos templos;
recebe nestes versos soberanos
o louvor dos teus optimos exemplos!

Eu creio que tu tens o sentimento
mais nobre do que os homens têm nos peitos .
Maldito quem denegue o pensamento
aos cães—estes amigos tão perfeitos .
Olha. No livro escuro da existencia ,
que eu arrasto nas ruas da cidade,
vou imprimir teu nome, tua clemencia ,
vou-te erguer paralelo á Humanidade.

Ha dous annos, n' um fétido monturo, ✓
eu passava de leve pelo somno
sonhando o meu miserrimo futuro,
quasi a tombar das mãos do abandono .
Ia a noite bem alta . O frio intenso
descia a visitar a minha palha ,
e me acordaste desse peso immenso,
—sombrio como o aspecto da mortalha.

Eras tão pequenino ! A piedade
moveu-me o coração para amparar-te .
Fui ver-te e fiz de irmã de caridade :
dei-te um pouco de palha, e nós d'est'arte
passamos essa noite sem deleite :
eu te dando calor , socego e vida ,
tu me pedindo a nutrição de leite ;
as têtas mornas de tua mãe querida .

Jogaram-te na praia as almas cruas,
as mesmas que me enxotam de suas portas,
quando a lei da miseria pelas ruas
me leva a mendigar ás almas mortas.
Oh! que noite feliz! Que noite santa!
Foi talvez a melhor desta existencia.
Senti uma alegria doce e tanta,
como si me arrancassem da indigencia.

Ia ter um irmão e um companheiro
que velasse por mim pelo relentó;
que haveria de amar-me, pois primeiro
eu o amara tambem n'esse momento.
E fizeste inda mais que eu merecia:
abriste-me tu'alma cegamente,
e não pensas em ti siquer um dia,
porque me vês morphetico e doente.

Ah! Ninná! bom Ninná! Não sei si devo
pôr-te acima de mim ou de meus pais,
pois, quanto mais me humilho por teu servo,
tú me rendes affectos por demais.
N'esta luta bellissima e serena
d'uma força sobre outra desigual,
eu creio que a victoria fica em scena:
empata o racional co' o irracional!

Vem cá . Deixa beijar essa cabeça
onde fervem-te idéas salutaes .
Amanhã te darei mais uma terça
do pão que se me dêr nos lupanaes .
Eu quero ver-te nedio qual eunuco
do côro musical do Vaticano ;
que viva magro eu só como um trabuco ,
que tu vivas qual lord ou soberano .

Hoje, que faz o sexto anniversario
da noite que deixaram-te commigo ,
dou principio n'um livro doutrinario
escripto para ti , meu bom amigo .
Assim, quando eu morrer terás presente
um lenitivo á minha eterna auzencia ;
saberás o que vae-me ardentemente
queimando o coração e a intelligencia .

Basta . Vamos dormir , que felizmente
o judeu que de gesso vende santo ,
atirou-me ao passar , como presente ,
duas moedas de vintem . Que espanto !
E' que foi grande a venda das imagens ;
furtou licitamente com a egreja .
Oh ! bemdito judeus destas paragens ,
que se fazem christãos ! Assim o seja !

23 II 30

VERDADES DE SANGUE.



II MEDITAÇÃO.

VERDADES DE SANGUE.

Virgilio, de Homero, de 92.

Desperta, meu pensamento,
desce dos mundos ethereos,
vamos cavar um momento
os ossos dos cemiterios.
Antes que triste succumbas,
é mister abrir as tumbas
onde enterraram meus pais.
Elles são réos d'um delicto
perante mim, filho afflicto,
perante as leis naturaes.

Nesta pagina sensivel
fique o libello de um erro ,
como factó inescucivel ,
o gume de duro ferro
rasgando o livro fechado
da vida do seu passado
que nem souberam viver .
São elles , sim , os autores
} dos meus grandes dissabores ,
de todo este meu soffrer .

Gastaram dias inteiros
nos beijos da mocidade ,
nos prazeres lisongeiros ,
nos braços desta inverdade .
E nem cuidaram da vida ,
da sanidade exigida
para bons filhos gerar ;
como si o sangue estragado
não me fosse mão legado
para a saúde abortar .

Ó moços, que pretendeis
com estudada cubiça
a noite , em que vos fareis
de fera sobre a carniça ;
a noite em que o bom vigario

lendo no seu breviario
pouse a estóla em vossa mão ;
não façais vosso noivado
} sem terdes bem depurado
o sangue , que é a geração .

Ide ás casas de saude
beber a salsa-parrilha ,
pois é perverso quem illude
o dever que n'alma brilha .
Curae-vos de ~~rheumatismo~~ ,
~~darthros~~ , ~~gommas~~ , ~~hysterismo~~ ,
toda a molestia por fim ;
sinão tereis uma ~~prole~~
~~magra~~ , ~~rachitica~~ e ~~mole~~ ,
de melindroso alfenim .

Tomae os banhos thermaes
antes dos banhos de egreja ;
aquelles vos servem mais ,
o sangue nelles viceja .
Assim casareis seguros
de que tereis filhos puros
para a patria e para si .
} Não serão entes nojentos ,
corpos immundos , leprentos . . .
} Mirem-se todos em mi !

Não ^{gerou} provocae vossos filhos
a maldizer-vos tambem ;
são elles doces atilhos
da vida de quem os tem .
Não penseis que o casamento .
é simples ajuntamento
de dous corpos , nada mais .
Vêde o campo do futuro
—este horisonte obscuro ,
lembrae-vos que sereis paes !

Que vale a vida de um ente
que a enfermidade prostrou ?
Antes morto que doente
o filho que se gerou .
O alimento e a saude
são que nos fazem a virtude ,
que nos dão palmas de heróes .
A doença é o inimigo ,
que leva a rastro consigo
o que ha de bello entre nós .

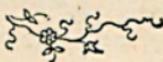
Si teve amigos , um dia ,
quem soffre deste meu mal ,
viram-lhe a cara sombria ,
quando elle pisa ao portal .
Ai ! destas almas de gelo

não ha quem possa prevel-o
quem tem delicias a flux !
Mas cahi na desventura
que tereis, ó criatura,
fome, sede e membros nús !

São estes os meus venenos
as fezes do meu viver,
desde meus passos pequenos,
quando me pude entender.
Como então calar as dores
— premio de progenitores
de quem me faço juiz ?
Não ! que estas chagas malvadas
tem garras bem amolladas
e sede de meretriz .

{ Eu sei que o filho não deve
cuspir na cinza dos pais ;
tocal-as, mesmo de leve,
nas dores fundas, nos ais !
Mas é quando os pais comprehendem
que do seu sangue dependem
novos e bons corações .
Caia, pois, a mão de ferro
a esmagar-lhes o erro,
cobrindo-os de maldições .

Fique esta pagina escura
como si fôra um borrão
que o escolar, da leitura,
deixou cahir na licção.
Não lede, ó almas sensiveis,
estas palavras terriveis,
estes gritos do dever;
não m'os ditara a impiedade:
somente o culto á verdade
m'os faria hoje escrever.



III 37

SCIENCIA *N*EGATIVA.



III MEDITAÇÃO.

SCIENCIA NEGATIVA:

Socrates, de Aristoteles, de 92.

Hoje vi pelas ruas da cidade
o medico Loggy ,
—este bom protector da humanidade ,
que matara na Europa um velho abbade ,
tres conegos aqui .
Dizem que este marrusco Satanaz
é pae dos armadores funeraes ;
que não poupa os barões—estes patetas ,
bachareis e poetas ,
que lhe cahem nas mãos como eu cahi .
Oh ! bemdito este medico Loggy !

Olhou-me e desviou-se de repente
com medo do doente
de cujos paes ganhara bons mil reis
sem lhe curar o mal .
Seria a consciencia que lhe fez
um escrupulo tal ?
Ou foi medo de ver-me junto a si
pedindo-lhe uma esmola ,
que fez correr o imbecil patola ,
o caridoso medico Loggy ?

Deixe traçar na pagina do dia
a minha theoria
sobre a sciencia d'Esculapio antigo .
Eu penso que a senhora medicina ,
de quem Loggy é velho e bom amigo ,
não chegou a crescer, ficou menina .

Não passa d'invenção
de cousas d'alfarrabios ,
pensadas pelos sabios
da velha geração .

Serve ás gentes antigas
que gostam de purgantes e cristeis ;
ás vezes faz deitar muitas lombrigas
aos comilões de doces e pasteis .

Combate indigestões ,
cura dores de dente ,
attaques de hêmorrhoides e sezões ,
bagatelas somente .

Mas quando se lhe torna o caso serio ,
ella veste seus ares antipathicos ,
não salva o scientifico criterio ,
restringe-se aos principios dogmaticos .

Diz que são incuraveis as doenças
das respiraes do peito ;
e ninguem lhe conteste suas crenças
estupidas , sem geito .

Não cura a dentição das criancinhas ,
nem combate morphéas .
No seu receituario de mesinhas
não adianta idéas .

E chamam-n'a sciencia ! . . .
Que pilula doirada !
Examinae-lhe a essencia :
não passa de pomada .

Discipulos de Hypocrates , não invertei os termos ,
que passareis de medicos a tolos charlatães .
Não é sciencia a industria que dá cabo aos enfermos ,
e não nos salva os filhos e nem nos salva as mães .

Quando observo os homens , os pandegos marrecos
que s'intitulam medicos por pergaminho vão ,
lymphaticos , anemicos quaes funebres padrecos ,
eu chamo a medicina industria de villão .

Pois vós , que conhecendo a fundo o iodureto
não combateis a syphiles do sangue vosso impurio ,
é que denunciaes o negativo effeito
da agua arseniosa e dozes de mercurio .

Em vendo vossos filhos tão pallidos—doentes
como filhos de pobres e miseros plebeus ,
indago da sciencia si os medicos são gentes
que possam nos curar , quando não curam os seus ,

Oh ! não chameis sciencia o ardiloso meio
de pôr nossos metaes nas mãos do boticario .
Isto é furtar deveras a vida , o suor alheio ,
em troca de lhe dar o nome em obituario .

Nem medicos vós sois ! O medico adormece
á luz do gabinete a ler e a estudar ;
e, quando alguém o busca, não ha o que o impece
delle salvar o rico e o pobre mais vulgar .

O medico não deve fugir ao sacerdocio ,
quer pelas invernadas , quer pelo sol ardente ,
de noite—a qualquer hora , sacrificando o ocio ,
de dia—a todo o instante, quando o precisa o doente .

E vós fugis , ingratos , dos pobres miseraveis
que não vos pagam sedas , velludos e europeis ;
á noite lhes negaes receitas confortaveis ,
morrendo os indigentes fóra de tempo e vez .

Ah ! quando eu vir o medico entrar no pardieiro
e lá passar a noite de alguma enxerga ao pé ,
em honra á caridade que não colhe dinheiro ,
quando semeia o bem, custe-lhe mal até ;

eu erguerei meu canto aos novos operarios
das leis humanitarias pregadas por Jesus ;
de todas as cabanas farei mil sanctuarios ,
de todos miseraveis uns corações de luz !

IV 44

PUSTULAS EXPOSTAS.



IV MEDITAÇÃO.

PUSTULAS EXPOSTAS.

Strabon, de Archimedes, de 92.

Eil-o que corre as ruas para esmolar migalhas
de andrajos, agoardente, de pão, tabaco e palhas.
O typo desta besta é todo detestavel
no physico e moral. Que grande miseravel !
Quem quer que o vê passar, conhece-lhe os instinctos
no corpo semi-nú e nestes signaes distinctos :
a pelle embaciada de nodoas pœerentas,
olhar d'espertalhão ou de aves agourentas,
os musculos tão fracos, de tanta laxidade,
que logo denunciam nenhuma actividade,
suada cabelleira—asylo de piolhos,

cahida sobre a testa a confundir-lhe os olhos.
Quem é que o vendo assim trocar pernas no mundo
não diz instinctamente: «La vae um vagabundo?»

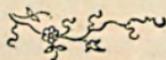
Neste abjecto vulto prepara a indolencia
um negativo effeito da boa intelligencia .
A patria vae perdendo um cidadão prestante ;
um poderoso auxilio a industria palpitante ;
e , á proporção que nelle o ocio acha agazalho ,
rebenta vigoroso o odio p'r'o trabalho .

É destes elementos que se preparam crimes
para abortarem as leis das cousas mais sublimes .
Quem é que o fez assim ? Pois não sabeis quem é ?
Culpae primeiro o Estado—este tão vil galé .
Foi elle que negando ao povo a instrucção
deste imbecil fez monstro , deu-lhe o punhal á mão !
O rei pensa , coitado , que a treva dá bom filho
e a luz uma cabeça de fera ou vil caudilho .
Ah ! quando um dia o povo souber o seu dever
o que será do rei ? O povo o que ha-de ser ?
Agora , ó da Policia , dae caça ao vagabundo
que o rei mandou que fosse um elemento immundo .
Prendei-o nas algemas , em negras enxovias ,
quando esta pobre besta roubar em noites frias
a casa de commercio para dar culto ao vicio
imposto pelo rei com tanto maleficio !

Vós que quereis as cousas alheias respeitadas
porque não preparaes as mães tão descuidadas?
Dellas é que devieis tomar contas seguras
si lhes fosseis credores d'algumas cousas puras.
Mas vós adormecestes . . . Melhor : vós lhes negastes
escolas bem montadas . Dizei hoje que errastes
no pessimo systema das vossas vis doutrinas,
negando a educação ás pobres das meninas .
Entanto la se escôam dos cofres nacionaes
milhões de libras de oiro montando-se arsenaes;
entanto geme a industria , extingue-se a lavoura
ao peso dos impostos—a força esmagadora .

Podesse eu trabalhar ! Não me enxotasse o mundo
por causa da doença que lavra-me do fundo
e vos verieis, rei , si eu estaria assim
neste monturo porco a me lembrar de mim .
Bemdito quem trabalha , desde que nasce o sol ,
até que vem a estrella servir-nos de pharol ;
quem vê por sobre si a Humanidade erguida ,
e não cança de dar-lhe amor, trabalho e vida !
Fazei do vosso povo—analfabeto e inutil—
um elemento sabio, um povo grande e util,
que lhe sereis na terra um pae, ou mais: um Deus—,
si Deus é mais que um Pae e um lar menos que os ceos !

Sim. Quando preparardes do povo os corações
e os cerebros latentes, das aulas com as licções,
vós dormireis tranquillo no vosso allivo harem,
porque não ha remorsos para quem faz o bem.
Não precisaes de guardas, nem desses trens de guerras
guardando vossa vida, vossa nação e terras,
não precisaes de carcer—antithese do templo,
que nos desperta o Odio e não nos dá o Exemplo.
O povo vos trará lá dentro da memoria
como um heroe, coberto pelos trophéos da gloria,
em paga de lhe dardes o bem mais radical
tirando o vagabundo do seio social!



V 57

Abutres.

V MEDITAÇÃO.

ABUTRES.

Leonidas, de Cezar, de 92.

Foi ao cahir dos raios do sol meridiano .
Pariz todo agitado como revolto oceano
tinha uma negra idea nos cerebros latentes ,
um sentimento só nos corações das gentes :
queria a desaffronta , a punição severa
de um braço de verdugo que victimas fizera
para dar pasto á lei do lubrico interesse ,
como si sobre si nenhuma lei tivesse .
O que pedia o povo ? Metter na guilhotina
de Troppman a cabeça—o monstro da rapina.

Mas é com a lei da morte que se castiga o crime ?
A lei destruidora, será justa e sublime ?
Dizei vós que pensaes na boa Humanidade
si a lei, que mata o homem, é lei de caridade;
si o crime se depura no sangue da torpessa;
si o homem tem direito de ser a Natureza ?

O que serão, portanto, subindo o raciocinio,
dois povos que cultivão as leis do assassinio,
como si dous cutellos levando em derribadas
milhões de vidas caras contra a Razão roubadas
às Artes, às Industrias, às Lettras, às Sciencias,
em prol dos desvarios das regias imprudencias ?
E nesse campo odioso, na festa de ruinas
teve o Brazil a c'roa de flores assassinas.
Fôra melhor não tel-a comprado por tal preço
que veio desimar-nos: o povo pelo terço,
pelo total de certo a vida do thesouro
que morre asphixiado por falta d'ar—o ouro;
emquanto que no Prata ergueo-se o Paraguay
pupillo deste imperio o filho deste pai.

Nero—o terror antigo, o instincto sanguinario
mettido em corpo humano—d'espírito quasi vario,
querendo distrahir-se nos generos de mortes,
mandou fazer dos homens luciferos archotes
nos publicos jardins de Roma—esta cidade,

cadella amortalhada no vicio e porquidade.
E diz o mundo inteiro: «Ha nada mais medonhò
do que ver Nero—o louco a cogitar no sonho
um meio que destrúa com promptas inclemencias
as flores vigorosas de bellas existencias,
ao som dos dithyrambos das bacchanaes ardentes,
em honra da luxuria dessas Venozzas quentes,
que zombam do martyrio d'affiictos moribundos
e vivem nos prostibulos ebrias—os mais immundos.
Oh! não! Nero de humano só tinha a forma bruta.
Su'alma se creara p'r'as solidões da gruta
como o chacal, o tigre, a hyena e a panthera...
Nero seria grande, si antes nascesse fera!»
Pois bem. Peior instincto de eternas maldições
eu vejo na Allemanha, na Prussia—estas nações,
que á luz deste presente de paz e de bonança
tentaram destruir a França—a grande França!

Travou-se o pugilato! A luta horrivel, feia
que assassinando os homens não lhes matára a ideia;
a luta dos abutres na putrida carniça
por causa de um pedaço de carne ou de justiça,
lá bravejou de novo nos trons das metralheiras,
ao cheiro pestilento de polvora e de caveiras.
Oh! que duello estúpido! Nas paginas da historia
procura a Russia um ninho para sonhar suas glorias,

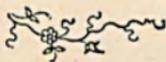
sem lhe doerem dentro os dentes dos remorsos
de ter feito a Turquia um cemiterio d'ossos !
Pois dê-se o ninho ao monstro cançado da carnagem,
na pagina mais negra, na pagina selvagem !

Sempre o cruzar das armas ! Sempre o tinir dos ferros
para prégar doutrinas e combater os erros !
Quando contemplo os homens assim tão sanguinarios,
eu ergo dentro em mim áquelles missionarios
que andavam pelas selvas—apostolos inermes,
sujeitos ao tacape e aos havejosos vermes—
um canto fervoroso, digno de tal cohorte,
faço do peito um templo, do eu um sacerdote,
porque no grande mappa de todas as nações,
distingo um só principio—o fel das ambições.
Eis um exemplo mais d'um grande e nobre povo
que dizem pertencer ao movimento novo:
os ruivos inglezes, fleugmaticos, em alarmas
carregam sobre os Zulus para ensaiar as armas !

Parece que esta lei de guerra e mortandade
tornou-se epidemia á toda a Humanidade,
porque vejo dos povos, até os mais somenos,
ella estragar a vida com bellicos venenos.
Quem sabe si este mal lhes vem pelas camadas

ethereas, que respiram, dessas nações falladas ?
Olhae para essa luta do Chile e do Perú,
esse spectaculo triste e de aspecto crú,
que fez um mar de sangue nas agoas do Pacifico,
um ceo cheio de fumo por combater dorifico.
E chamam-se estas lutas titanicas, selvagens,
direito de defeza ? Eu digo de carnagens !

Emquanto a fogo e ferro se mutilar a gente,
e em vez de ser o verbo, á geração presente,
o unico instrumento de conquistar a gloria,
não se lhe dê abrigo nas paginas da Historia,
onde adormecem os sabios de aureolas fulgentes,
os Franklin passados, os Edison presentes;
que fiquem taes abutres carnivoros, exangues,
mettidos na mortalha da podridão dos sangues !



VI 59

CORAÇÕES DE OURO.



VI MEDITAÇÃO.

CORAÇÕES DE OURO.

Heloísa, de S. Paulo, de 92.

Eu sei de mães tão boas, tão santas criaturas
que as minhas expressões não sobem ás alturas
do merito que as orna e fal as nobres almas,
cheias de amor e affectos e de bondades calmas,
para fazer dos filhos, os mais endiabrados,
homens de indole ordeira e cidadãos honrados.

Oh! essas mães angelicas que tem sempre no labio
o riso da virtude, educador e sabio,
para domar o instincto travesso dos filhinhos
e antepor á colera seus beijos e carinhos;

que em vez de castigar as pobres das crianças
as enchem de conselho, amor, paz, esperanças;
oh! essas mães não morrem dos ledos corações,
porque lá deixam eterno o germen das lições!

Conheço-as eu modelos de extasiarem a gente
como Cornelia Graccho — esta heroína ardente,
mães que se transformaram, desde que foram mães,
para educar os filhos enchendo-se de cans;
que vivem, si elles vivem; que choram, si elles choram,
e nelles se reflectem e nelles se enamoram.

Ah! si eu tivesse mãe!—o anjo da familia
que, quando o filho dorme, alenta-se em vigilia
junto do berço amado de palha ou de velludo,
em que seu ideal esquece-se de tudo!
Ah! si eu tivesse mãe, embora uma leôa,
havia de adoral-a como uma çousa bôa!
Entanto solitario eu vivo a divagar,
porque não tenho mãe—que me podesse amar.

Não é d'essas fidalgas que fazem dos maridos
uns paes apadrastados de filhos impedidos,
e roubam das crianças as têtas e os affectos,
que vão dar aos amantes nos labios inquietos;
ellas que se estragaram para lhes dar moral,
tornando-se esquelêto da vida maternal:

Não é dessas cadellas que atiram-se no cio,
como quem vae sedenta beber agoa no rio,
a illudir o mundo, a illudir os paes,
e fogem porcamente das regras naturaes,
deitando em porta estranha o filho do seu crime,
lavrando em propria causa sentença que as opprime
tornando-as delinquentes, mulheres detestaveis,
primeiras no cadastro das grandes miseraveis:

Não é dessas pantheras de coração perverso,
que pegam nas filhinas e fazem terem ingresso
na porta dos bordeis, no leito da penuria,
vendendo-lhes a honra a troco de luxuria,
antes que nasçam as tétas das pobres innocentes
que vão cobrindo os rostos com suas mãos algentes:

Que venho engrandecer nos meus pallidos versos,
o merito real dos corações immersos
em ondas de virtude. Eu trago as minhas c'róas
para depôr nas plantas das mães santas e bôas,
emquanto que abomino e cuspo sobre a face
das femeas que se fazem aberrações da classe.
Mas vós que daes o ensino d'umas doutrinas sans,
acima de mulher sois mais inda:—sois mães!

Ah! quando junto a mim vejo passar na praça
uma mulher perdida e cega, por desgraça,
a mendigar o pão dos sujos taverneiros,
levadas pelas mãos dos filhos feiticeiros;
e, apenas obtendo um pouco de farellos,
primeiro os dá aos filhos—estes anjinhos bellos:

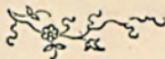
Ah! quando de uma vacca eu sinto o choro agro,
porque prendeu-se longe do beserrinho magro—
para dar leite á venda, logo ao nascer do dia,
—industria em que se assenta do dono a economia;
e, lá tarde da noite, se desfazendo o laço,
a vacca vae contente, já livre do baraço,
lamber o filho preso e dar-lhe o leite quente,
deitando-se a velar bem junto ao innocente:

Pergunto á Natureza: «Quem deu tanto ideal
á pobre da mendiga e á vacca do curral?
Si posso chamar mães as duas criaturas
que dão para seus filhos sustentos e ternuras?»
E ouço dentro em mim o grito da razão
bradar: «É nestas almas que as boas mães estão!»

Mulher, ó vós que tendes uma missão tão nobre
sentindo as mesmas dores, quer sobre a enxerga pobre,
quer sobre ornada cama de colcha adamacada,

expondo a vossa vida n'uma hora tão sagrada:
vós, que geraes os filhos—mimosas esperanças
do lar e do paiz—dotae-nos de creanças
que sejam para o mundo uns validos esboços
de velhos venerandos e virtuosos moços.

As mães são que governam os thronos e as egrejas:
cumpre fazer dos filhos herões para as pelejas,
metter em cada esboço uma alma de Titan,
Luthero ou Garibaldi, Jesus Christo ou Satan.
Depende unicamente da bôa ou má doutrina
ser guarda do Direito ou ave de rapina.



VHI 66

Vibrações agudas.



VII MEDITAÇÃO.

VIBRAÇÕES AGUDAS.

S. Luiz, de Carlos Magno, de 92.

Detesto as gerações dos despotas horrendos
que nos abriram a chaga da negra escravidão !
Visse-os agora o seculo — o latego tremendo
que açoita o vandalismo com a febre da razão—
que fôra dos miserrimos, da almas de egoismo,
delles que nos cavaram as fauces deste abysmo ?

Escravos ? Que blasfemia ! Eu só conheço escravo
o cerebro que foge das luzes da instrucção
para imitar o bruto no seu instincto bravo,
viver com a natureza bem como vive o cão .

Ó grande Humanidade ! foi teu maldito somno
que poz estes forçados nas garras do abandono .

Si, quando veio o homem ao mundo geologico
não dêsse-lhe a Natura o dom da liberdade ,
eu maldiria o ser de tal poder illogico
perante o nobre esforço das leis da Actividade .
Mas como indifferentes olhamos as desgraças
de um povo que é vendido no martellar das praças ?

É bello o trabalhar do braço voluntario ,
ou mais que bello —é util; serve de exemplo á vida ;
mas quando se obedece á voz de um donatario ,
em vez de ser cauterio , transforma-se em ferida ,
porque suffoca n'alma risonho sentimento
e faz do homem livre mechanico instrumento .

Eu creio que as paixões , que se reprimem dentro
do peito repisado por infernal castigo ,
são gottas de veneno, que vão-se para um centro
crescer e gangrenar talvez um peito amigo .
A alma que reprime o riso , o affecto , o amor ,
prepara-se de certo , p'r'a reacção do horror .

É livre o negreento abutre das ossadas ,
a fera que divaga nas mattas dos sertões ,

a rola que se anninha na sombra das ramadas ,
o insecto que s'expande do sol pelos clarões . . .
E fez-se escravo um povo que senté nas arterias
bater o sangue livre , de vividas materias !

Porque ? Ide-o saber na lama do passado ,
nas paginas da historia , na noite das nações ,
quando a nobreza estulta plantara seu reinado
e o throno e a tyrania calcaram as multidões .
Mas neste refulgente dominio da verdade ,
quem ama o servilismo e odeia a liberdade ?

Em nome do que é nobre e grande e santo e bello ,
em nome deste seculo que nos cerca de luz ,
fazei-vos, Mocidade, não corações de gelo ,
mas filhos da Justiça, da Redempção, da Cruz !
E para o novo seculo , que deve ser de mel ,
levae livres do jugo os filhos de Ismael .

Elles , que foram outr'ora os doceis instrumentos
d'aquelles que os compraram pelo alvejar dos dentes ,
vão se tornando aos poucos selvagens incruentos ,
hyenas sanguinarias , um povo de descrentes .
Nem fôra de esperar peor revolução ,
quando se quer o braço em vez do coração .

É tempo de os amar , de tel-os como amigos ,
fazel-os entidades nas coisas do paiz .

Assim nós os veremos tornados de inimigos
outros Damon da Historia , um povo bem feliz .

Limpemo-nos da chaga na piscina probatica
da lei deste progresso , fructifera e sympathica !

Vós sois os enviados das gerações fucturas !

Eia ! Tiraç do esquife o morto de Nain :

a patria é a viuva , que chora as amarguras ,
porque levam-lhe o filho para um trevoso fim .

Vinde imitar ao Mestre , fazei resuscitar
um povo que nascera para tambem se amar .

O sol da liberdade deve aquecer-lhe o peito .

Convem que esse cadaver levante-se entre nós ,
para que veja a Europa no seu faustoso leito
quanto nos dóe a chaga feita por mãos de avós ;
e que nos entregamos a duro sacrificio
para emendar o erro do seu vil artificio .

Eu vejo a tempestade nas almas desses pobres ,
que não se baptisaram nas agoas da instrucção ,
gerar-se lentamente contra o poder dos nobres
para , chovendo sangue , fazer sua redempção ,
Faça-se , pois , de um povo de braços assassinos ,
neophytos da luz , um bando de meninos !

VIII 73

Elemento e Fundamento.



VIII MEDITAÇÃO.

ELEMENTO E FUNDAMENTO.

Camões, de Dante, de 92.

Coragem, professor! Que sois um sacerdote sublime, edificante, eterno, universal!
Fazei vossos discipulos stoicos contra a sorte creando nas suas almas doutrinas do Real.

Vós lhes servis de pae. Depende o seu futuro da vossa intelligencia e boa direcção.
Cuidado. A sociedade vos chamará de burro, si um dia um destes anjos matar ou for ladrão.

Amae-os como filhos , pregae-lhes cousas bôas ,
para que sejam amigos da patria e das pessôas ,
bons filhos do Dever , bons filhos do Trabalho .

O Mestre symbolisa um guapo lapidario ,
o Mestre é um lavrador , a luz de um santuario ,
o Deus que faz um sabio d'um pandego pirralho .

Quebrae a palmatoria , selvatico instrumento
que deu-vos o Estado para educar a infancia :
não pôde cultivar-se o tenro pensamento
que opprime-se em castigos e se debate em ancia .

Bater as creancinhas para lhes dar o ensino
é methodo brutal , é lei inquisitoria ,
que faz nascer o Odio la dentro do menino
e rouba-lhe o carinho do fundo da memoria .

Ah ! quando for o Mestre um generoso amigo
que troque por conselhos o insulto e o castigo
que merecer o alumno por causa das licções ,

duvido que o Estado contenha um funcionario
mais util do que o Mestre—o novo missionario ,
fabricador de idéas das vindas gerações !

Eu sei que o mundo inteiro
encara indiferente
para esse grande obreiro
trajado de indigente .

Eu sei que elle emmagrece
no posto sedentario ,
e lhe ninguem conhece
o pessimo salario .

Como elle vive , eu sei ,
cercado de penuria
a trabalhar p'r'o rei .

Entanto ninguem diz
que o Mestre é desgraçado ,
que o Mestre é infeliz !

Não sabem porque é
que tem o Professor
missão de Redemptor
e vida de galé ?

Eu vol-o aqui direi :
—É porque faz a luz
nos pensamentos nús ,
contra o que quer o rei .

O Estado—este vilão ,
si dá-nos instrucção
é cheio de pezar .

Elle somente quer
o filho da mulher
para ser militar !

Às armas, desditosa mocidade ,
mas empunhando as armas do saber ;
desfraldae a bandeira da Verdade ,
que não tarda o porvir amanhecer .

Chamae os companheiros da Innocencia
que brincam descuidados junto às mães ,
e não sabem das leis da Intelligencia ,
emballados no collo das irmans .

Dae-lhes na mão pequena o alphabeto,
ensinae-os a ler e a pensar,
para que nenhum delles seja inepto.

A escuridão tem medo do luar;
a noite teme o sol como um insecto
o vampiro que o busca devorar.

Ide, menino, ler
para fazer-vos luz;
deveis dar de comer
ao cerebro abestruz.

Vós sois uma raiz
que deve se fartar
de seiva p'r'o paiz,
para o Universo e o lar.

Por ora sois carvão;
mas inda haveis de ser
um diamante são.

No mundo é tudo assim:
ao bem precede o mal,
—Antes de Abel, Caim!

IX 82

APOSTROPHES DO SECULO.



IX MEDITAÇÃO.

APOSTROPHES DO SÉCULO.

.. Watt, de Guttemberg, de 92.

Pois que? Vós pretendeis erguer o despotismo calcando as leis sonoras da santa Liberdade nos pés das ambições do vosso carolismo, —este veneno agudo que mata a Sociedade?

Hoje, que vos fizestes ministros estragados da lei sublime e grande do Christo universal, é que quereis lutar nos campos cultivados, sem terdes um apoio—a força da Moral?

Vós, que lavaes a Biblia nos rios do dinheiro
erguendo os armazens de venda pelos templos;
que vos fizestes lobos a devorar cordeiro,
quereis nos reformar, sem dar-nos bons exemplos?

Padres, fugi das trevas! Padres, fugi do erro!
O seculo é da Sciencia, da Luz, da Liberdade.
É tempo de fazerdes á Theologia o enterro,
ella que vos atrasa no mundo da Verdade!

Pensar nas cousas grandes—é lei do pensamento!
Buscar o que é melhor—é lei da perfeição!
E vós fugis, covardes, do novo movimento,
temendo que Voltaire derribe o Altar no chão!

Não confiaes na força da colera celeste,
e receiaes que os homens transformem-se em atheus?
Acaso se esgotaram a fome, a guerra e a peste
com que pune aos perversos o vosso falso Deus?

Ou tendes pouca fé nos vossos argumentos,
—essas malditas linguas de barbaros punhaes,
com que, sangrando a Plebe nos fundos pensamentos,
venceis a multidão com dogmas fataes?

Oh ! não ! Vós não temeis o baqueiar das crenças
e a morte das verdades do martyre da Cruz :
fôra suppor que o mundo nadá nas trevas densas ,
fôra affirmar que os hõmens vivem sem ar e luz .

Vós odiaes aquelles que zombam dos mysterios
fazendo guerra aberta á vil theocracia ,
porque os divinisaes uns lutadores serios ,
fecundos elementos contra o que Roma cria .

Vós detestae os moços da geração moderna
—discipulos de Renan, imigos de Gousset—
porque elles assemelham a bella hydra de Lerna
que ha-de vencer a Roma , a venenosa ré .

Entanto elles são bons , não vos odeiam ; apenas
condemñão o jesuita , louvando o missionario
que seja tolerante e de paixões serenas
e não imponha o culto de um deus imaginario .

Elles os libertinos, elles a quem chamais
impios , atheus , perdidos , fructos do vil Strauss ,
são vossos deffensores, amigos fraternaes ,
que querem vos casar . . . Entanto elles são maus !

E vós não maldizeis a escravidão nojenta
que a lei dos absurdos impoz ao vosso lar,
deitando a concubina na cama brancacenta
em que devia a esposa os labios vos beijar.

E vós não protestaes contra essa lei de ferro
que chama vosso filho um simples afilhado
e vós uns onanistas, as victimas de um erro,
cadaveres moraes ante o civil estado.

Quando lobrigo um padre por suspeitosos beccos
em busca da mulher dos sordidos bordeis,
onde depure o sangue e molhe os labios seccos
na fonte da volupia das languidas Phrynés;

quando os vejo no templo fazendo desvario,
desenvolvendo instinctos, nos torpes corações,
de adulterar a esposa, que deixa o lar vasio
para cahir na rêde das negras seduccões;

quando lhes bate á porta o misero mendigo
em nome do seu deus a supplicar-lhes pães,
e os Corações de Pedra assomão no postigo
negando-lhe migalhas, para as lançar aos cães;

quando leiô as tabellas elasticas da egreja
que a troco de moedas acaba impedimentos,
e nos constringe a dar o ouro que deseja
o padre encarregado de dar-nos sacramentos ;

quando em linguagem mansa eu ouço a hypocrisia
fallar em cêos, em anjos, eternidade e Deus,
e o punho, que abençôa o povo que a ouvia,
vibra um punhal nas trevas para ferir os seus ;

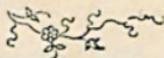
curvo a fronte a Luthero o monge incendiario,
que fez em cinza a bulla do despotismo atroz ;
bemdigo a Lamennais o padre doutrinario
da *Marselheza Biblica*, que não vendera a voz .

Faça-se o padre apostolo destas doutrinas novas
—sementes vigorosas, cahidas do Progresso ;
e vós vereis o bardo erguer mellicas trovas,
saudando no presbytero a base do Universo !

Por ora enquanto fordes, ó padres, libertinos,
servos do celibato—a pustula clerical,
não mereceis um beijo dos candidos meninos
nem podereis fallar-nos em nome da Moral !

Eis porque o mundo novo, cuspindo no passado,
protesta contra a egreja dos papas immoraes.
e vós dizeis que os homens são monstros estragados,
porque vos tomam contas do vicio em que nadaes.

Padres, fugi das trevas! Padres, fugi do erro!
O seculo é da Sciencia, da Luz, da Liberdade.
É tempo de fazerdes á Theologia o enterro,
ella que vos atrasa no mundo da Verdade!



X 91

PAGINA COMMUM.



X MEDITAÇÃO.

PAGINA COMMUM.

Madame de Sevigné, de Shakspeare, 92.

Saúdo o sentimento doce, gentil, ameno,
que desabrocha e vinga no peito o mais pequeno:
essa corrente electrica que toca os corações
e fal-os pacientes de boas sensações.

Saúdo o puro amor esthetico, sublime,
que adora a honestidade e que repelle o crime:
esse ideal eterno com que nos beijam as mães
e vamos descançar no collo das irmães!

Saúdo o amor do povo , dos filhos das aldeias ,
simples como a virtude que nada-lhes nas veias ,
brando como a innocencia da rola dos telhados ,
fundo como o martyrio dos grandes desgraçados !

Saúdo o amor que nasce nas gratidões sadias
e cresce como a flôr das orvalhadas frias :
o amor dos bons amigos , mantido desde a infancia ,
como o perfume activo de uma eternal fragancia .

Saúdo o amor do pobre , gerado na choupana ,
regado das fadigas do dia e da semana ,
em luta co' a miseria , mas sempre vigoroso
no peito da consorte , no coração do esposo !

Saúdo o amor que nada nas almas transparentes
das ternas criancinhas de risos innocentes :
futil como o brinquedo da quádra juvenil ,
porem que nada aspira e nada tem de vil .

Quizera ver o mundo como por um descuido ,
viver deste ideal e deste electro—fluido .
Não ter as ambições dos velhos agiotas
speculando a vida nas praças e nas portas !

Que os paes não cambiassem os corações das filhas ,
pesando-as na balança de sedas e rendilhas ,
olhando simplesmente os cofres entupidos ,
que possam dar brilhantes , mas nunca bons marido .

É desses casamentos de inclinações erradas
que nasce o adulterio , as lutas continuadas .
Depois quem tem a culpa de consequencias taes ?
Não fostes vós , cambistas—aberrações de paes ?

Ó corações paternos ! porque sois deshumanos ,
deixando de ser paes , fazendo-vos tyrannos ?
Quem foi que inoculara na vossa intelligencia
o virus da cobiça de corrosiva essencia ?

Quem disse que a mulher precisa de marido
que negue-lhe carinhos e só lhe dê vestido ?
Quem foi que envenara os corações direitos ,
fazendo-os manivelas de pifios preconceitos ?

Calae-vos ! Eu bem sei quem foi que vos traçou
a norma que seguis e que indagando estou !
É bom que obedeçaes ás regras imbecis
da tal Sociedade—estupido juiz !

Ide correr as ruas , bater de lar em lar ,
apregoando as formas da filha não vulgar .
Vendei-a ao millionario que a faça bem feliz ,
em quanto a pobresinha chorando se maldiz .

Que importa esse martyrio da victima do amor
que foi sacrificada ao peso esmagador
de um pae... Não! D'um tyranno! Que o pae não vae nas praças
mercadejar a filha a troco das desgraças !

Um pae não diz á filha : «Tomara que te cases .»
Seria lhe pedir : «Procura entre os rapazes
«algun que te pretenda ; pois vivo já cansado
«de ver-te neste tecto , assim , junto ao meu lado».

Si um dia eu fosse pae , diria aos filhos meus :
«—Ó trabalhae , anjinhos , pois o trabalho é Deus !
«Quem vive a mourejar , banhado de suor ,
«honrado ha de morrer , coberto de louvor :

«Amae-vos , innocentes , na dor ou na alegria ,
«desde o nascer da aurora , té que se finde o dia ;
«ao lado dos irmãos , dos paes e dos amigos . . .
«Amae como Jesus aos proprios inimigos :

«Amae aos desgraçados que cobrem-se de pó,
«rôtos, esfomeados, leprosos como Job;
«a misera criança que vive na orphandade
«sem ter as attracções de magica amisade.»

Eu não cultivaria a boça do demonio,
que me fizesse a filha pensar em matrimonio.
Havia subtilmente, sem que ella percebesse,
lá dentro de su' alma deixar a boa messe

que despertasse um dia no brando coração,
quando ella se casasse e fosse mãe, então.
Eis o que eu louvo e canto nos verdadeiros paes!
Eis o que não se pensa nos centros sociaes!

Os homens cultivados—os taes homens perversos,
que deixam na familia os rastros bem impressos
da corrupção medonha, dos variados vicios;
os homens cultivados odeiam os beneficios!

A titulo de etiquetas e regras de salão
o esposo cede a esposa aos braços de um vilão;
o pae olvida a filha nas rodas immoraeas
e joga o voltarête sacrificando-a mais!

E o mundo libertino não cança de louvar
o bom do cavalheiro que sabe observar
as regras falseiadas dessa moral odiosa ,
que traz a corrupção na seiva venenosa .

Miseria das miserias ! E chama-se atrasado
o povo das aldeias , que está purificado ,
só porque a virgem foge dos olhos cidadãos
e a esposa se defende com suas proprias mãos !

Negra moral ! No entanto eu deixo nestes versos
aos povos das aldeias retrogradados , immersos
em funda ignorancia , as minhas saudações ,
como si fossem flores das bellas sensações !

Oh ! quanto é nobre o amor da cousa simples , boa ,
que vem da natureza e reproduz-se á tóa
como a planta silvestre que dá no pedregulho
e vive humildemente sem ostentar orgulho !

O amor é que nos enche de paz e de esperança
e toma nossas almas na mão , desde criança ,
e as faz uma entidade no meio social
ao lado do Direito , ao lado da Moral .

Saúdo, pois, o amor sincero e derramado
no coração materno—o adyto sagrado ;
no peito dos amigos, no seio das irmães,
nas almas das consortes—estas segundas mães !



XI 102

VICTIMAS FATAES.



XI MEDITAÇÃO.

VICTIMAS FATAES.

Bacon, de Descartes, de 92.

Silencio! Não convem mexer nesse colosso
que dorme de charrua no morbido pescoço!

Em quanto elle adormece, coberto de baldões,
diverte-se a nobreza nos magicos salões.

E a tyrannia estulta dos Cezares modernos
atira na Polonia o odio dos infernos.

Retalha-se a Turquia nas garras do egoismo
da cavilosa Europa que a leva ao servilismo .

Silencio ! Não convem dar fogo aos inflammaveis
e revolver paixões nos peitos miseraveis .

O somno é quasi morte . . . Deixai dormir o Povo ,
a besta do Burguez—o sanguinario corvo .

Se um dia a lei do acaso terrifico , fatal ,
erguel-o da modorra , quem doma este chacal ?

Quem vencerá na luta , se o monstro erguer a voz
tocando os arrebatos ? A victima ou o algoz ?

Silencio ! E' doloroso o tetrico episodio
desses *Noventa e Tres*—depositarios do Odio !

Emquanto reina o somno , ninguem conhece o nome
que corre da Bastilha e vae quebrar Vendôme !

A França . . . o mundo inteiro não cuida na ruina
do Rei decapitado na turva guilhotina .

E a fidalguia—o polvo que sorve o senso ao Rei,
persegue aos desgraçados sem protecção nem lei.

Dormi, ó meus Irmãos! Quando dormis, os sceptros
chafurdam-se nos vícios; não tremem dos espectros.

O dedo incognoscível, firme, fatal, cruel,
não molha-se de sangue para escrever: *Thecel!*

E passa a Burguezia—a moribunda fátua,
fria de sentimento como marmorea estatua.

Que fado, meus Irmãos! Que triste pesadello
vos enche os corações... De sangue? Não! De gêlo!

Pois vós não tendes inda em meio d'alma heroica
a reacção dos bravos, a sensação stoica?

Não fostes vós que um dia ao sol da realeza
cantastes na Bastilha a bella Marselheza?

Não fostes vós que dèstes a luz da Redempção
às victimas oppressas, sem liberdade e pão ?

Como cahistes, pois, no languido lethargo
sorvendo gotta á gotta o calice de amargo ?

Eia ! Não renegueis os canticos freneticos
submergindo a gloria nos somnos catalepticos !

Olhai aos vossos filhos—estas estrellas novas
quasi a tombar, coitadas ! nas tenebras das covas .

Salvai-os ! Querem luz nos cerebros opacos . . .
Quem sabe se os esperam esses trophéos dos Gracchos ?

Vingai-vos, pariás, com generoso affecto,
dando por arma aos filhos o barbaro *Alphabeto* !

Que importa que o Estado, para opprimir os paes,
mande fechar a infancia nas trevas desleaes ?

Pois vós não tendes braços para salvar os filhos
das garras dos abutres, do jugo dos caudilhos ?

Eu vejo espionar nos olhos desses Anjos
a candida Innocencia—perfume dos Archangjos .

Aquelle olhar tranquillo , perscrutador, sereno,
é mais do que um olhar e menos que um veneno .

E' um juiz que escreve no livro do futuro
as dividas dos paes , para contar-lhes juro .

Alerta! A transgressão da vossa Lei moral
é mais do que uma pena do *Codigo Penal* :

É pôr a Consciencia sob a pressão doída
dos dentes do Remorso , que ha de sangrar-lhe a vida .

Eu quero ver o Povo , com o estertor do mar ,
sorver a tyrannia para se libertar .

Ter a vingança atroz nos labios e no rosto :
morrer como Leonidas , extatico no posto .

Mas não vender os louros da bellica victoria
em mão da Covardia , áquem odeia a Historia .

É sempre a Ignorancia—a tunica de Nessus—
que nos arrasta ao Crime , ao Vicio e aos Excessos .

Ella é que odeia o Bem sentada nas esquinas ,
fugindo do trabalho , fechando as officinas .

Ella é que arrasta a vida nas sordidas tavernas ,
ebria como Falstaff , bambaleando as pernas .

Ella é que não cultiva o campo e o val agreste ,
e morre de miseria medonha como a peste .

Vaga pelo relento nas pandegas orgias
e quase toda noite vae ter ás enxovias .

Canta no violão modinhas immoraes
e dorme o dia inteiro sonhando as bacchanaes .

Oh ! não deixae medrar a feia Ignorancia
que afoga a intelligencia no cerebro da infancia :

Que foge do Direito , do Bello e da Justiça
comó de carne pôdre , de fetida carniça .

Em cada uma innocencia , em cada uma criança
existe uma existencia de rútila esperanza .

Fazei-a conhecer o Hymno do Trabalho
a manear a enxada , a serra , o escopro , o malho :

Ter a Razão sisuda , serena a Consciencia ,
alegre o Coração , aguda a Intelligencia .

O Povo que cultiva as leis da Utilidade ,
detesta o despotismo e ama a Liberdade .

Não vaga pelas trevas para roubar alguém ;
se dorme , é p'ra sonhar a pratica do Bem .

Acorda muito cedo para o labor diario
e ganha satisfeito o licito salario .

As vezes quando folga , cansado da fadiga ,
é para encher o Lar d'uma alegria amiga .

É para se rever no riso da consorte ,
no brinco dos filhinhos , e se esquecer da morte .

Ah! quando fôr o Povo, livre, feliz, assim,
a Patria não será estúpida e ruim.

Eu fico indignado de ver o servilismo
a gangrenar os homens matando o heroismo.

De ver a Mocidade—a base do Futuro,
tranzida de miseria, como elemento impuro.

E vós dormis, ó Povo, abandonando á sorte
os filhos innocentes—as victimas da Morte!

Entanto a Liberdade domina os corações,
c'roando a Igualdade com magicos clarões.

Miseria! Quem diria que vós dormissem tanto,
e o Hymno do triumpho se transformasse em pranto?

E fosse uma chimera a seculo da luz
fecundo de Progresso, como de amor Jesus?

Pois bem, Dormi, tyrannos! Vós nunca fostes Paes!
Quem dera a vossos filhos que não vivesseis mais!

XII 425

AUTOPSIAS.



XII MEDITAÇÃO.

AUTOPSIAS.

Washington, de Frederico, de 92.

Hoje tive o desejo extravagante
de passear a carro
fumando meo cigarro,
como um Commendador fátuo e pedante.

Foi de balde, porém, o meo desejo.
Por falta de dinheiro
nem carro nem cocheiro
me quizera levar por um gracejo.

Tive de andar a pé de rua em rua ,
ao quente ardor do sol ,
sem ter um guarda-sol ,
sem chapéu de cabeça . . . Oh ! sorte crua !

Mas fui . Andei por toda esta cidade
como vadio cão
que faz a digestão
da fome que lhe rói a cavidade .

E não cansei neste passeio rude .
Que cousa singular !
Estou a cogitar
não me seja a visita da saúde !

Tambem não me consome a morte dura
—esta velha carcassa ,
de consciencia escassa ,
insensivel á dor da criatura .

Sinto mais que a senhora Idilidade
relaxe-se de mais ,
contratando fiscaes
que gostam de viver na porquidade .

Vi nas ruas o ~~fixo~~ amoatoado
dominando os passeios ,
~~ratos~~ podres e feios
inficionavam o ar envenenado .

São as ~~praças~~ campinas verdejantes
onde pastam ~~cavallos~~ ,
~~vaccas~~ , ~~porcos~~ e gallos ,
mansos ~~carneiros~~ , bodes petulantes .

Não existe uma rua em que o Aceio
passe um dia contente ,
fazendo rir a gente
que gosta de hygienico passeio .

Vagam promiscuamente nas viellas ,
sentindo a podridão
dos esterco do chão ,
o ~~fiscal~~ generoso e as ~~cadellas~~ .

Mais deixemos de lado a Sanidade
que chora e se maldiz .
Tapemos o nariz
e vamos divagar pela cidade .

I

A Oficina.

Era nas horas , quando o sol aquece
a folha verde e a vigorosa flôr ,
e os passarinhos estendendo as azas
cantam nos galhos as canções de amor .

Inda dormia na macia rêde ,
ao morno achego do subtil lençol ,
a Fidalguia que não tem cuidados
para se erguer ao despontar do sol .

Ia o silencio abandonando as casas
dos pobres filhos do Trabalho audaz :
uns a charrúa apparelhando ao ganho ,
outros nos hombros conduzindo as pás .

Qual futurando pelas ruas quedas ,
sob os sovacos amornando as mãos ,
fazer na feria , desse dia , ao menos
mais um punhado de farello e grãos .

Qual cabisbaixo a cogitar um meio
para da casa o aluguer pagar ,
todo medroso de se ver exposto
às intemperies do invernososo ar .

Entanto o dia no horisonte bello
mostrava o collo e levantava o pó ;
nas officinas trabalhava a serra ,
a lima e o malho , a picarêta , a enxó .

O sapateiro martelava a sola ,
soava a plaina na madeira san ,
tinia a trolha na semalha tosca . . .
Era uma orchestra na gentil manhan !

Cahiam gottas das manchadas faces
curvas ao peso do feliz labor .
As officinas são divinos templos ,
levita o obreiro e agnabenta o suor !

É na officina que se elevam os povos ,
que se engrandecem corações plebeos .
Pelo Trabalho se consegue a Gloria ;
quem chega á Gloria se transforma em Deos !

Eis o que o mundo indifferente e frio
não vê n'aquelles de calosas mãos ;
teme abraçar-os receiando as nodosas ,
fecha nos labios a palavra—Irmãos !

Embora. Um dia ha de nascer a Gloria
que lave em nardo seus grosseiros pés .
Assim fizera Magdalena outr'ora
depondo a Christo as devoções fieis .

II

O Tribunal.

Passei sombriamente
por junto um Tribunal :
havia muita gente .

Entrei . É natural
a curiosidade
vencer-me este moral .

Estava a magestade
da Lei e da Justiça
posta em solemnidade .

la travar-se a liça
entre a defesa aguda
e a accusação massiça .

No centro a estatua muda
do austero magistrado
erguia-se sisuda .

Vestia-se de becca ,
como outr'ora Pilatos
—aquella alma secca .

Não julgaria os autos ;
só marcaria as penas
do conselho dos factos .

Compunham-se estas scenas
de mais dose figuras,
alem d'outras pequenas .

Aquellas criaturas
olhavam para um rosto
banhado de amarguras .

Era o do réo. O posto
curvara-lhe a cabeça
ao peso do desgosto .

A accusação começa
logica , audaz , de ferro ,
horrorisando a peça .

Depois bate-lhe o erro
a bocca da defesa ,
que faz-lhe então o enterro .

Eis a que estava presa
a sorte do infeliz
que o tribunal não pesa .

Então manda o Juiz
que diga a Consciencia
o que a prova não diz .

Horror! A Innocencia
vae ser sacrificada
aos pés da prepotencia .

Toca amollar a espada ,
Verdugo da Justiça ;
a pena está lavrada .

Ceva-te na carniça . . .
A victima infeliz
já teve um bom juiz . . .
Sabes? É a ~~in~~justiça .

.....

Eis o seo crime atroz :
—punio com a lei da morte
a pérfida consorte ,
a vibora feróz !

Não ha, porem , um mez
que o mesmo Tribunal
a réos de crime igual
absolveo a ~~tres~~ .

Entanto o desgraçado ,
por não comprar juizes ,
vae ser dos infelizes ,
de Deos abandonado ,

III

O Carcere.

Do Tribunal passei pela cadeia
fria, tristonha, escura :
era uma sepultura
habitada de gente, e quase cheia .

Espiavam nas grades da prisão
os descarnados rostos ,
sombrios de desgostos ,
retractando o que sente o coração .

No fundo deste quadro macilento
trabalhavam os galés ,
de grilhetas nos pés ,
gastos para o Remorso e o Sentimento .

Lá no corpo da guarda o carcereiro
baixo , calvo , rotundo ,
passeiava jucundo
de ser governador de tal viveiro .

Quando parava , ahí vinha uma anedota
fazer rir aos soldados
nas tarimbas deitados ,
jogando o *trinta e um* , *pacão e sotta* ,

D'uma vez o sargento quartel-mestre
propoz a discussão
do castigo em prisão ,
para domar aquella gente agreste .

Foi quanto lhe bastara . O carcereiro ,
offendendo a prosodia
em linguagem serodia ,
não deixa mais fallar ao companheiro .

Lá deixei-os assim . Sombrio e mudo
vim sentindo a desgraça
cravar-me com mão falsa
o punhal do martyrio atroz , agudo .

E dizia commigo : «Ó fado ! Ó lei !
«Os carcereos fechados ,
«os homens congraçados ,
«quando posso cantar ? Quando os verei ?

«As barbaras sentenças dos juizes ,
«condemnando a galés ,
«são mortes bem crueis ,
«que matam lentamente aos infelizes !

«Não é assim que a boa Humanidade
«quer espalhar o Bem .
«Não é assim tambem
«que o coração semeia a Caridade !

«Tirar a luz , o ar , a esposa , os filhos
«ao desditoso réo ,
«é tornal-o um atheo ,
«fazel-o detestar os bellos brilhos !»

IV

O Hospital.

Passei n'um hospital de caridade ,
—o refugio dos miseros mortaes .
Desgraçada da pobre humanidade
que se vae entregar aos hospitaes !

Visitei os immundos aposentos ,
onde parava a tetrica miseria :
as camas tinham cheiros pestilentos ,
os lençoes tinham nodos de materia .

Gemiam solitarios os doentes
pedindo agoniados agua e pão ;
lia-se-lhes nos olhos pacientes
que morriam de fome . . . Oh ! maldição ! . . .

Fugiram dos prostibulos immundos ,
medrosos de mata-los a doenca .
Entanto eil-os agora moribundos ,
condemnados á ultima sentença .

Não lhes davam remedio ; ha muitos dias
ausentara-se delles o doutor ;
e para lhes dobrar as agonias
veio ungil-os o rubro confessor .

Dobrava na capella funeraria
o sino—este verdugo dos doentes ;
dormia a Caridade—esta usuraria ,
com medo destes magros pacientes .

Devia ser assim . Para os mendigos
não ha religião , amparo ou Deos ;
despede o hospital os seus amigos
como Christo fizera aos Phariseos .

| Caridade fallaz , eu te condemno ,
eu te abomino , se tu és tão vil !
O que fizeste do teu riso ameno ?
Onde guardaste o teu amor gentil ?

Deixas morrer sem ti , desamparados ,
à mingua de consolo—os filhos teos ?
Quem te fez odiar aos Desgraçados ?
—Burguezia , porque zombas dos Plebeos ?

Athalia cruel ! fecha estas portas ,
deixa morrerem fóra os miseraveis
pedindo nutrição ás almas mortas ,
andrajos e remedios confortaveis !

Eu pensava encontrar neste edificio
teos lenços enxugando-lhes os prantos ,
tuas mãos lhes semeando beneficios ,
teos labios a fallarem-lhes dos santos .

Eu pensei que velasseis á cabeça
dos enfermos que estão deixando a vida ,
e venho te encontrar (que boa peça !)
dormindo o somno de mulher vendida .

Para não mais voltar neste scenario ,
deixo uma cruz traçada no batente .
Adeos , ó Enfermeiro ! ó Empreziario !
Acaba d'uma vez com esta gente !

V

O Cemiterio.

Aqui neste lar sombrio
nivella-se a humanidade ,
quando o corpo está vasio
de calor , de actividade .

É neste laboratorio
que trabalha a Natureza
preparando o effusorio
de nova vida e riqueza .

Aqui se desfaz em lama
immunda , nociva e feia ,
o ente que se mais ama ,
a cousa que mais se odeia .

A face da còr da rosa .
macia de pó d'arroz ,
come a terra—esta gulosa ,
deixando a caveira atroz .

Entanto , cobrindo a cara
ante a cova dos Plebeos ,
vae a Vaidade em Carrara
encommendar mausoléos .

E o mundo concorre lèdo
à pompa dos funeraes ,
como se fosse a um folgado
das etiquetas banaes .

Armam-se os templos divinos
para funebres officios ;
rezam padres , dobram sinos
pela Riqueza e seos vicios .

Embalsamam-se defuntos
tirando da terra o pão :
são ~~cadaveres~~—presuntos
roubados á criação .

E não se lembra a Riqueza
de vestir aos Orphãos nós ,
dar esmolos á Pobresa ,
crear escolas , dar luz .

O epitaphio das campas
é ridiculo conforto ;
basta gravar-lhes nas tampas
o simples nome do morto .

Quem põe suas magoas na praça ,
faz da campá um corrector
que a nenia transforma em farça ,
que mata o ideal da dôr .

É melhor deixar as covas
ás livres exhalações ,
sem mausoléos e sem trovas ,
ao rigor das estações .

As tumbas dos desgraçados
semelham-se á de Jesus :
são fossos abandonados ;
não têm numero nem cruz .

VI

O Templo.

Entrei na cathedral. O povo a enchia
para ouvir evangelicas doutrinas;
a sua inquietação bem parecia
a fervura dos vermes nas latrinas.
Do movimento estúpido subia
o pó subtil, por dentro das narinas,
asphixiando aos servos do Senhor,
que esperavam o sermão do prégador.

Havia a procissão do *Sacramento*
recolhido-se ao templo illuminado;
iam cantar no côro um sentimento
dos psalmos de David—o rei sagrado.
Nisto cresce o rumor e o povo attento
procura descobrir de lado a lado
a causa de tamanho desatino,
como si ali não fosse um lar divino.

A final descobrio-se . O povo estulto
vendo-me entrar no templo , inquietou-se ;
distrahio-se das attentões do culto ,
e perante a morphéa horrorisou-se .
Julgava-me um cadaver insepulto
e fugia de mim , como se o fosse ,
boquejando entre si palavras surdas ,
imprecações banaes e absurdas .

Eis que chega no pulpito um **V**elhote ,
vermelho como um rúbido tomate ,
para exercer missão de sacerdote ,
trajando um vestuario de mascate ;
e , sem mais attentões , perfila o porte ,
encara-me iracundo como Marte
e manda-me lançar fóra do templo
como o fóra Jesus . Que bello exemplo !

Ao sair do recinto , fui dizendo
lá no fundo da minha Intelligencia :
« Fizeste muito bem , ó reverendo !
« Fizeste muito bem ! A Consciencia
« não precisa de templo . Eu comprehendo
« que acima desta vil conveniencia
« existe dentro em nós um grato aroma
« mais velho do que o Templo e do que Roma .

«Quem mandou-me transpor este edificio
«onde se não cultiva a Piedade ?
«Por ventura se préga o Beneficio
«no templo que se nega a Caridade ?
«Não é aqui que se detesta o Vicio ?
«Que se devera amar a Humanidade ?
«Como então se me expulsa da piscina,
«e minh' alma condemna-se á ruina ?

«Contempla-me, Jesus, lá do teo Hôrto :
«vê como se me nega o lar sagrado !
«En que pensava achar doce conforto
«neste asylo fiel ao desgraçado ,
«levo sombrio um coração de morto :
«o Odio vae em mim eternisado :
«e tudo porque tens uma cohorte
«d' escribas . . . porem não de sacerdote .

«Tu beijavas a fronte da Innocencia ,
«elles cospem na flôr da Virgindade ;
«affagavas a livre Consciencia ,
«elles querem opprimir a Liberdade ;
«teos labios nos enchiam de Prudencia ,
«os delles nos provocam Odiosidade . . .
«Entanto querem ser Ministros teos
«para vencer a raça dos Atheos !»

XITI 137

Força e Equilibrio.



XIII MEDITAÇÃO.

FORÇA E EQUILÍBRIO.

Galileo, de Bichat, de 92.

O ~~meo~~ viver ironico
como o viver de Job
humilha-se ao carbonico,
vae transformar-se em pó.

Antes assim. Talvez
eu seja mais feliz
no corpo d'uma ~~rez~~
ou feito uma ~~raiz~~.

É proprio da materia
tornar-se podridão,
tenha raiz ou arteria,
seja animada ou não .

Eu penso deste modo :
acho ser bôa a lei
que faz do homem lodo ,
que faz de lodo o rei .

O corpo do vivente ,
ou Judas ou Jesus ,
dissolve-se igualmente
em fedorento puz .

A alma é uma chimera
contraria á lei real ;
o cerebro que a gera
é cerebro banal .

A alma é o resultado
da bôa actividade
este poder sagrado ,
de tanta utilidade .

A alma é o equilibrio
das forças da materia
que curva-se ao ludibrio
da secreção venerea .

Quando ella cede ao agente
desorganizador,
é para simplesmente
se renovar melhor .

Mas não desaparece
com o corpo de defunto :
antes vigora e cresce
n' outro melhor conjuncto .

Eis o que constitue
a lei da eternidade ,
a lei que tanto influe
na Sciencia e na Verdade .

Eu não condemno a morte ,
a lei do *Transformismo*
que troca por mais forte
o debil organismo .

Si fosse a vida o effeito
da criação divina ,
a morte era um defeito
ou punição maligna .

Mas eu não creio tal .
Não faço a injustiça
de tê-la como um mal ,
nem dou-lhe uma só missa .

Em semelhante assumpto
poupo o appellido a Deos ,
de—hyena—que em defunto
se vinga dos atheos .

A morte é sempre um bem
nas leis da Biologia :
é ella que mantem
do mundo a Harmonia .

Si arrasta as criaturas
aos tumulos fataes ,
ganha das sepulturas
novos materiaes .

Si um dia um veterano
cede ao rigor da idade
fechando o peito humano
ao ar da sanidade ;

Si um dia uma familia
nas magoas immergida
abate-se em vigilia
sem chefe , e pois sem vida ;

Si um dia a criancinha ,
que nem sabe seo nome ,
fica sem paes , pobrinha ,
a fallecer de fome ;

O que succede ao mundo
e ao meio social ?
Ninguem virá do fundo
de tão medonho mal ?

Hade nascer alguem ,
como nasceo Moysés
para trazer o bem
aos povos infieis .

E, em vez do pobre velho,
hi temos um menino
que, si não traz conselho,
ha de nos dar o ensino:

Eis o seu grande nome
cercado todo em luz
que o tempo não consome,
e chama-se . . . Jesus!

Agora lamentai
o fim do Padre Eterno
que apodrecido cahe
aos pés do Deos Moderno.

Sim. Lamentai agora
a pobre da viuva
que a Caridade—a aurora,
beija na fronte curva.

Sim. Lamentai o infante
que, sem viverem os paes,
tornara-se um gigante
nas cousas sociaes.

E ainda vivereis
a combater a morte ,
como lamentam os reis
os panicos da sorte ?

Entanto ella é remedio
aos grandes desgraçados :
acaba-lhes o tedio
dos corações magoados .

Eu sei que brevemente
vou lhe cahir nos braços ,
pois sinto o sangue quente
não me dar força aos passos .

Embora . Eu morrerei
certo que nunca mais
morphetico serei
por causa dos meos pais .

Meo sangue envenenado ,
por falta de oxigenio ,
vae ser talvez guardado
para um moderno genio .

Quem sabe si o miolo
de phosphoro saudavel
eu vou deixar a um tolo
ou para um miseravel?

Eu sinto o meo calor
de trinta e sete grãos
diminuir . . . Melhor ! . . .
Os vermes não são mãos ! . . .

Eu sinto nestas carnes
os vermes imprudentes
com cynicos escarnes
metterem-me seos dentes .

Com tudo não maldigo
seos roedores botes .
Que importa eu ser amigo
dos novos Iscariotes ?

Não adianto idéa
rompendo as relações
no fim da minha estréa
no mundo dos ladrões .

Era o que me faltava
chegar ao cemiterio
e não achar sua bava
por ultimo cauterio .

Não é possível, não!
devo partir em Paz! . . .
Ó meo Ninná! meo Cão!
não durmas assim mais!

Talvez rompendo o dia
tu fiques solitario ,
tranzido de agonia
perante o meo calvario .

Sinto que mais não posso
traçar neste papel
feito por vós , que é vosso
este livro cruel .

Ninná , meo bom Ninná !
adeos , alma de luz !
Quem sabe se será
tu' alma a de Jesus !

FIM DO POEMA.